



[ Capítulo ] **3** [ Chapter ]

O MAR NA  
IDENTIDADE  
CULTURAL  
PORTUGUESA

THE SEA  
IN PORTUGUESE  
CULTURAL  
IDENTITY

MARIA ISABEL JOÃO

170°

160°

150°

140°

130°

120°

110°

100°

90°



Alegoria Lusitânia incluída nas  
*Anacephaleoses*, de António Vasconcelos  
(Antuérpia, 1621).

Lusitania allegory included  
in *Anacephaleoses*, by António Vasconcelos  
(Antwerp, 1621).

*Da minha língua vê-se o mar. [...] Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação.*

VERGÍLIO FERREIRA

*A atividade marítima está não só nas raízes da nacionalidade, donde sobe como a seiva para o tronco, mas é como que a linha medular que dá vigor e unidade a toda a sua história.*

JAIME CORTESÃO

► A nação forja-se ao longo da história, mas a sua existência depende, como salientou Ernest Renan, da posse em comum de um «legado rico de recordações» e do «consentimento atual, o desejo de viver em conjunto, a vontade de continuar a fazer valer a herança que receberam esses indivíduos». O filósofo francês foi ainda mais longe, na célebre conferência que realizou na Sorbonne em 1882, onde salientou que «a existência de uma nação é um plebiscito de todos os dias». Significa que para o percurso e identificação de uma comunidade não basta invocar o seu passado. Importa que haja projeto ou projetos capazes de construir sentimentos de pertença. As afiliações culturais e afetivas assentam não apenas na história, mas em desígnios comuns que reforçam a capacidade de construir o futuro.

*From my language you can see the sea. [...] The voice of the sea has been that of our restlessness.*

VIRGÍLIO FERREIRA

*Maritime activity is not only at the root of our nationality, from whence it rises like the sap to the trunk, it is also like the blood line that permeates it with vigour and unity throughout its history.*

JAIME CORTESÃO

► A nation is forged throughout its history, but its existence depends, as French philosopher Ernest Renan pointed out, on the possession of a common “legacy, rich in memories” and on “current consent, the desire to live together, the will to continue to make the legacy handed down to these individuals hold sway”. He went even further at a celebrated conference held at the Sorbonne in 1882, where he affirmed that “the existence of a nation is a referendum held every day”. It means that for the identification of a community and the course it follows, it is not enough to invoke its past. It is important to have a project or projects that are capable of creating a sense of belonging. Cultural affiliations that are based not only on history, but on common goals that strengthen the ability to build a future.

Tendo presente estas ideias, apresentaremos de modo sucinto os momentos e processos essenciais que conduziram à criação da nação e da identidade nacional e poremos em evidência o valor que o mar assume na história e na cultura portuguesas.

Portugal constituiu-se como Estado independente e dotado de fronteiras estáveis desde muito cedo. No século XII nasceu o novo reino na Península Ibérica. Um pouco mais de cem anos depois, Portugal já tinha os seus limites definidos, um país feito a golpes de espada contra os mouros e assente em tratados com a vizinha Castela.

A constituição de um reino não pode, porém, ser confundida com a criação de uma nação. Para que tal acontecesse foi necessário percorrer um longo caminho, que só ficou completo no século XIX, no quadro da afirmação da ideologia e do Estado forjados pela revolução liberal.

Segundo José Mattoso, na época medieval os vetores de construção da unidade do país foram a língua, a terra e o rei. No início do século XIV, a língua portuguesa era essencialmente formada pelo galego-português, enriquecido por fonética e vocábulos moçárabes. Excetuando a reduzida área do mirandês, o português estendeu-se a todo o território e dividiu-se numa grande riqueza de falares. Com a terra, estabeleceu-se um laço natural e ancestral, visto que era o sítio do nascimento e a herança dos antepassados – «uma parte de nós tem a terra e a outra os parentes», escreveu Fernão Lopes. Pelo menos desde a crise dinástica de 1383-1385, que os naturais da terra eram os «nossos», por oposição aos de fora ou estrangeiros. Estavam reunidos os elementos para que fosse possível identificar um

With these ideas in mind, we will present here the key moments and processes that led to the creation of the Portuguese nation and national identity and we will show the importance of the sea in Portuguese history and culture.

Portugal became an independent state with stable borders quite early on. The new kingdom was born on the Iberian Peninsula in the 12<sup>th</sup> century. A little more than a hundred years later, Portugal's borders were already established. A country had been carved out by the sword against the Moors and in treaties with neighbouring Castile.

The formation of a kingdom should not, however, be confused with the creation of a nation. A long road would need to be travelled to create a nation, which was only fully formed in the 19<sup>th</sup> century, with affirmation of the ideology and the State forged in the liberal revolution.

According to José Mattoso, in medieval times, the country as a unit was built around the language, the land and the king. At the beginning of the 14<sup>th</sup> century, the Portuguese language was essentially an outgrowth of Galician-Portuguese enriched by Mozarabic phonetics and vocabulary. Except for a small area where Mirandese was spoken, Portuguese spread throughout the territory and divided into a great wealth of dialects. A natural, ancestral bond was established with the land, as it was the birthplace of the people and their inheritance from their ancestors – “one part of us has the land and the other our relatives”, wrote Fernão Lopes. At least since the succession crisis of 1383-1385, those born on the land were “ours”, in contrast to outsiders or foreigners. All the elements needed to identify a country and form a national identity had

**Pormenor do Painel dos Pescadores,**  
*Painéis de São Vicente de Fora.*

país e compor uma entidade nacional – o território, a língua, o poder régio, o sentimento e a percepção, por parte dos habitantes, de constituírem um grupo distinto de outros.

No início do século XV, a coroa portuguesa enveredou pelo projeto político da expansão marítima. Vários grupos sociais se agregaram em torno da empresa ultramarina. Portugal lançou-se na aventura das grandes navegações marítimas e no processo da ocupação e conquista de novas terras. Desse modo, o país abriu os seus horizontes e rasgou os do mundo conhecido; confrontou-se com realidades diferentes, relacionou-se com outros povos e culturas. Os portugueses tomaram maior consciência de si e daquilo que os identificava, por contraste com as sociedades que iam conhecendo. Nem todos os portugueses, claro. As diferenças sociais eram enormes e muito diversas as vivências da população.

Por essa época, no começo da idade moderna, as referências identitárias da maioria esmagadora dos portugueses eram de uma escala infranacional e limitavam-se ao espaço onde se desenrolava a sua vida. As relações de



**Detail of the Panel of the Fishermen,**  
*Saint Vincent Panels.*

come together – the territory, the language, a governing power, a feeling and perception on the part of the inhabitants that they were a group distinct from others.

At the beginning of the 15<sup>th</sup> century, the Portuguese crown embarked on a political course of maritime expansion. Various social groups joined together around the overseas enterprise. Portugal threw itself into the adventure of great sea voyages and into the process of occupying and conquering new lands. Thus it was that the country broadened its horizons and expanded the boundaries of the known world; it met with different realities and forged relationships with other peoples and cultures. The Portuguese became more aware of themselves and what set them apart by contrasting themselves with the societies they came to discover. Not all Portuguese, of course. Social differences in the country were enormous and there were many different ways of life.

At this time, the beginning of the modern era, the sense of identity of most Portuguese was at an infra-national scale and confined to the space where they conducted their lives.

vizinhança contribuíam para forjar uma ideia de «nós» que não ia além de um círculo restrito e era difícil de conceber, por ser demasiado abstrata e distante, a ideia da nação.

De modo geral, a representação do que era ser português assumia contornos muito menos nítidos e unidimensionais do que tem hoje. Como mostraram Ana Cristina da Silva e António Hespanha para a sociedade do Antigo Regime, no topo existia uma identidade cristã que unia todos aqueles que partilhavam essa crença religiosa. As elites cultas assumiam a identidade europeia, fundada na tradição clássica e no humanismo. Por isso, a língua latina continuou a ser, por longo tempo, um importante meio de comunicação. Na escala imediata, a Hispânia manteve-se uma referência identitária valiosa. Era a região natural que, de acordo com as conceções da Antiguidade, correspondia à nação no sentido clássico. Por esse facto e por razões políticas que se prendiam com o prestígio das casas reais, o projeto de uma união ibérica continuou a ser acalentado pela coroa portuguesa e pela castelhana, dando origem a casamentos e alianças que se traduziram na monarquia dual, de 1580 a 1640.

Na base, Portugal era identificado com a Lusitânia, uma antiga província da Hispânia. Os lusitanos formavam uma comunidade com uma origem remota e natural que se desenvolveu através dos laços de sangue e da ligação à terra. Em torno do milagre de Ourique se construiu um dos mitos mais poderosos da identidade dos lusos, ou lusitanos, que passaram a ver-se como um povo eleito, escolhido por Deus para espalhar a fé cristã e combater os infiéis, isto é, para realizar a cruzada. Numa gravura do século XVII, representa-se a Lusitânia

Neighbourhood relations helped forge an idea of “us” that did not go beyond a limited circle, and it was difficult to conceive of the idea of a nation because it was too abstract and distant.

In general, representation of what it meant to be Portuguese was more diffuse and one-dimensional than the image we have today. As Ana Cristina da Silva and António Hespanha demonstrated for the Old Regime, at the top there was a Christian identity that united all those who shared this religious belief. The cultured elites took on a European identity, founded on the classic tradition and humanism. For this reason, the Latin language continued to be an important means of communication for a long time. Nearby Hispania continued to be a reference point in defining our identity. It was a natural region that, according to the concepts of antiquity, corresponded to the idea of nation in the classical sense. For this reason, and for political reasons that had to do with the prestige of the ruling houses, the dream of an Iberian union was kept alive by the Portuguese and Castilian crowns, which gave rise to marriages and alliances that eventually led to a dual monarchy from 1580 to 1640.

At its core, Portugal was identified with Lusitania, a former province of Hispania. The Lusitanians were a community with an ancient and natural origin that developed through blood ties and ties to the land. Around the miracle of Ourique grew one of the most powerful myths of identity of the Lusitanians, who came to see themselves as a people chosen by God to spread the Christian faith and fight the infidels, in other words, to fight the crusades. In an engraving

sob a figura alegórica de uma mulher, sentada sobre o globo terrestre, de espada à cinta, brandindo numa mão o cetro e na outra a cruz. Na legenda em latim pode ler-se: «Ousou minha piedade arrimar-se na divina, para que, dando-me Deus os reinos, assim dê eu os reinos a Deus.»

Num âmbito mais restrito, situam-se os círculos de sociabilidade que permitiam configurar identidades múltiplas e muitas vezes sobrepostas: os laços familiares e de linhagem que, no caso da alta nobreza, cruzavam as fronteiras políticas; as ligações à terra de origem, que tanto podia ser a paróquia, a vila, a cidade, o concelho ou a província, por vezes identificadas pela palavra pátria. Identidades de linhagem, identidades sociais e estatutárias, identidades locais e regionais, de contornos territoriais imprecisos, assumiam uma importância muito expressiva na forma como os portugueses se viam e reconheciam no período moderno. Ainda hoje diversas formas de representação se conjugam para definir quem somos como indivíduos e como parte de um coletivo, desde a célula social básica que é a família aos grandes grupos humanos a que pertencemos e com os quais nos identificamos, sejam os portugueses, os europeus ou os ocidentais.

No contexto da difusão da ideologia liberal e das correntes culturais românticas, no século XIX, a dimensão nacional assumiu um grande ascendente na forma de representar a identidade coletiva. Anne-Marie Thiesse analisou a forma como se construíram as identidades nacionais já no período contemporâneo a partir da junção dos elementos materiais e simbólicos que fazem parte da ideia atual de nação: uma história que estabelece uma continuidade com os antepassados; os heróis

ing from the 17<sup>th</sup> century, Lusitania is represented by the allegorical figure of a woman seated on a world globe, with a sword at her waist, brandishing a sceptre in one hand and a cross in the other. The Latin caption reads, “My piety called me to lean on the divine, so that, as God grants me kingdoms, I will give the kingdoms to God”.

In a more limited context, there are circles of sociability that allow for the creation of multiple, often overlapping identities: family ties and lineage that, in the case of the aristocracy, crossed political boundaries; ties to the homeland, which might be at the level of the parish, town, city, municipality or province, sometimes called the fatherland. Identities of lineage, social and statutory identities, local and regional identities, identities with imprecise boundaries, all these were very important in the way the Portuguese saw themselves and were recognised in the modern era. Even today, many forms of representation define who we are as individuals and as a part of a collective group, from the basic social unit of the family to the larger human groups we belong to and with whom we identify, whether they be Portuguese, Europeans or westerners.

In the context of dissemination of liberal ideology and the romantic cultural trends in the 19<sup>th</sup> century, the national dimension rose to prominence in the way collective identity was represented. Anne-Marie Thiesse analysed the way we construct national identities in the contemporary period by looking at the combination of material and symbolic elements that are part of the current concept of nation: a history that establishes continuity with ancestors; the heroes

constituídos em exemplo e o modelo das virtudes nacionais; a língua comum e padronizada pelo poder instituído; os monumentos culturais; o folclore; os lugares eleitos e as paisagens típicas; as identificações pitorescas, como os trajes, as especialidades gastronómicas, os animais emblemáticos; os símbolos oficiais, como o hino e a bandeira; as mentalidades e os comportamentos considerados expressivos de uma dada comunidade nacional.

Cada um desses constituintes da identidade nacional não surgiu do nada nem tão-pouco de repente. Todos têm uma história, e parte deles resulta de um processo de invenção de tradições que é dinâmico e, sobretudo, bastante recente, como mostraram Eric Hobsbawm e Terence Ranger. As elites políticas e culturais tiveram um papel essencial nesse processo de invenção e reinvenção das narrativas, dos símbolos e das tradições que fazem parte da maneira como os povos se identificam enquanto nação.

No caso português, recordamos somente os ciclos comemorativos que, desde as últimas décadas do século XIX, contribuíram para construir uma poderosa narrativa sobre os «heróis do mar». «Nobre povo / Nação valente», como reza



**O bacalhau seco, pela pena satírica de R. Bordallo Pinheiro**  
(A Paródia, n.º 111, 26 de fevereiro de 1902).

**Salt cod, from the satirical pen of R. Bordallo Pinheiro**  
(in the magazine A Paródia, no. 111, 26 February 1902).

that serve as an example and model of national virtues; a common language, standardised by the established power; cultural monuments; folklore; important places, typical landscapes; picturesque labels like costumes, culinary specialties and animal emblems; official symbols, like the national anthem and flag; and mentalities and behaviours considered expressive of a given national community.

These constituents of national identity do not spring out of thin air, nor do they appear suddenly. They all have a history, and some of them result from a process of inventing traditions that is dynamic and, above all, fairly recent, as Eric Hobsbawm and Terence Ranger demonstrated. Political and cultural elites have played a key role in this process of inventing and re-inventing the narratives, symbols and traditions that

are part of the way peoples identify themselves as a nation.

In the Portuguese case, we have only to remember the commemorative cycles that, since the late 19<sup>th</sup> century, have helped build a powerful narrative about the “heroes of the sea”. “Noble people/valiant nation”, as the national anthem written by Lopes de Mendonça in 1890 goes, with emblematic sites being Sagres and the Belém area of Lisbon. There, two

o hino nacional escrito por Lopes de Mendonça, em 1890, tendo por lugares emblemáticos Sagres e a zona do Restelo, em Lisboa. Aqui, dois monumentos se erguem como símbolos do passado mítico glorioso: a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos, primeiro panteão nacional onde se imagina que repousam os restos mortais de Luís de Camões e de Vasco da Gama. No entanto, durante séculos aquela zona esteve esquecida e abandonada, com o Mosteiro dos Jerónimos em ruínas. Fradique Mendes, personagem queirosiana, mal chega a Lisboa toma uma caleche para Belém, para espanto de um antigo colega das lides académicas em Coimbra: «— Uma caleche! Para Belém!... Há alguma coisa em Belém?»

Hoje, qualquer turista que visite a cidade de Lisboa não dispensa uma passagem por Belém. A maioria dos portugueses tem uma ideia sobre o que há para ver naquele lugar e o respetivo significado, mercê da massificação da escolaridade básica. Para isto também contribuiu, e muito, o Estado Novo, com as grandes comemorações do Duplo Centenário e a Exposição do Mundo Português, que decorreu naquele local, devidamente arranjado do ponto de vista urbanístico. No contexto da exposição, foi feito em estafe o Padrão dos Descobrimentos, posteriormente edificado em estrutura de betão, revestido a calcário, no quinto centenário da morte do infante D. Henrique. O valor simbólico de Belém, dos monumentos e de tudo o que lhe está associado através da narrativa histórica, que evoca o passado de descobertas e conquistas, só no século XX se afirmou como elemento identificador de Portugal. Com o desenvolvimento da escolaridade, do turismo e da ação dos agentes culturais ligados ao património, o espaço concreto e simbólico de Belém acaba por ter uma

monuments stand as symbols of the glorious mythical past: Belém Tower and the Monastery of Jerónimos, the first national pantheon where the mortal remains of Luís de Camões and Vasco da Gama are believed to lie. However, for centuries the area lay forgotten and abandoned, with the Monastery of Jerónimos in ruins. Fradique Mendes, a fictional character created by Portuguese novelist Eça de Queiros, arrives in Lisbon and takes a carriage directly to Belém, much to the amazement of his old university colleague from Coimbra: — “A carriage! To Belém!... Is there something in Belém?”

Today, any tourist who visits Lisbon makes an obligatory visit to see the sights in Belem. Most Portuguese have an idea about what there is to see in Belém and its significance, thanks to broader access to basic education. The *Estado Novo* regime also contributed, and significantly, with the grand double centennial celebrations and the 1940 Exhibition of the Portuguese World that took place in Belém, which was given a face lift to prepare it for the event. The *Padrão dos Descobrimentos* (Monument to the Discoveries) was built out of plaster and fibre-board for the exhibition and later replaced with a version made of concrete and limestone on the five-hundredth anniversary of the death of Infante D. Henrique. The symbolic value of Belém, the monuments and everything associated with the country’s narrative history, which evokes past discoveries and conquests, only became an element of Portuguese identity in the 20<sup>th</sup> century. With developments in education and tourism and the actions of cultural agents tied to the country’s heritage, the concrete and symbolic area of Belém became more and more important for the self-representation of the Portuguese people from all walks of life.



**Mosteiro dos Jerónimos. Lisboa. Monastery of Jerónimos. Lisbon, Portugal.**

expressão cada vez mais forte para a auto e a heterorrepre-  
sentação dos portugueses.

Se a identidade nacional é, afinal, uma invenção e uma reinvenção de nós como povo, na linguagem demoliberal, ela não se constrói no vazio, e precisa da conjugação de fatores objetivos em que se possa fundar e desenvolver. Na base da nação portuguesa está o Estado, importa lembrar. A sua construção e afirmação sobre todo o território foi um processo lento, dado que só

no século XIX, com a maior e mais eficaz centralização do poder político, foi possível impor sobre todo o território uma progressiva uniformização. A resistência das populações e das oligarquias locais foi tenaz. A intensa discussão sobre a centralização versus descentralização é disso exemplo. Noutra plano, a contumaz oposição ao pagamento de impostos e ao recrutamento militar são duas pedras de toque da implantação do Estado na época contemporânea.

Se a integração política do país se revelou difícil, a económica não o foi menos, como demonstrou o economista e historiador David Justino. No limiar do século XX, a economia portuguesa continuava a apresentar um fraco nível de integração, interdependência e complementaridade, fatores indispensáveis de uma mais efetiva unidade nacional. A maior



**A proa do Padrão dos  
Descobrimientos (Lisboa, 1960).**

**The prow of the Monument  
to the Discoveries (Lisbon, 1960).**

If national identity is truly an invention and reinvention of us as a people, in the language of liberal democracy, it is not built in a vacuum. It requires a combination of various objective factors in which it can take root and grow. It is important to remember that the heart of the Portuguese nation is the State. Its creation and assertion of control over the entire territory was a slow process, and it was only in the 19<sup>th</sup> century, with the advent of greater and more ef-

fective centralisation of political power, that it became possible to impose a gradual uniformisation. Resistance from populations and oligarchies was fierce. The heated discussions that took place on centralisation versus decentralisation illustrate this. On another level, stubborn opposition to taxation and military recruitment were two touchstones in the establishment of the State in the modern era.

If political integration of the country was hard, integration of the economy was no less so, as economist and historian David Justino demonstrated. As we moved into the 20<sup>th</sup> century, the Portuguese economy still showed a poor level of integration, interdependence and complementarity, which are key factors of more effective national unity. Greater articulation of the Portuguese economic space is a recent phenomenon, but it continues

articulação do espaço económico nacional é um fenómeno recente, mas minado por fortes assimetrias regionais. Um corolário dessa realidade é a macrocefalia da capital no contexto do país. Desde o século XV, Lisboa assumiu um lugar de destaque na vida da nação, como centro do poder e porta aberta ao mundo. O rápido crescimento populacional da cidade e da sua periferia acentuou os desequilíbrios regionais existentes no país. Na base deles estão fatores políticos e económicos, é certo, mas também um território que, apesar da reduzida dimensão, apresenta uma grande diversidade.

Orlando Ribeiro salientou o caráter dual do território português devido à conjugação de influências atlânticas e mediterrânicas, seguindo uma linha de interpretação que remonta a autores oitocentistas como Andrade Corvo e Basílio Teles. De modo geral, podem opor-se o norte e o sul, sem esquecer que a diferenciação do território é mais complexa e que nele pode distinguir-se o norte atlântico do norte interior, as planícies abertas e amenas das zonas montanhosas, de acesso mais difícil e austeras. As serranias estiveram presentes nas origens remotas dos reinos ibéricos através da civilização castreja (Vitorino Magalhães Godinho). Entre mar e montanhas formou-se Portugal, o «seu coração marítimo e serrano», como disse Teixeira de Pascoais.

Contudo, tem sido aceite que foi o desenvolvimento da faixa litoral que possibilitou a afirmação de uma individualidade política autónoma, no contexto peninsular. Tal processo ficou a dever-se às condições naturais mais propícias para desenvolver a agricultura e à existência de rios navegáveis, penetrando o território perpendicularmente à

to be marked by striking regional asymmetries. A corollary of this situation is the macrocephaly of the capital city in relation to the rest of the country. Since the 15<sup>th</sup> century, Lisbon has occupied a leading place in the life of the nation as its centre of power and gateway to the world. Rapid population growth in the city and surrounding areas has accentuated the country's already existing regional imbalances. While it is certain that political and economic factors are at the heart of these differences, it is also true that, despite the country's small size, the territory is very diverse.

Orlando Ribeiro remarked on the dual nature of the Portuguese territory due to the combination of Atlantic and Mediterranean influences, in keeping with a line of thought broached by 19<sup>th</sup> century writers like Andrade Corvo and Basílio Teles. In general, we can pit the north against the south, although one must also realise that territorial differences are more complex, e.g. the Atlantic north region is different from the northern interior, and the open plains, with their pleasant climates, are different from the mountainous areas, difficult to reach and austere. The mountains were a presence in the remote origins of the Iberian kingdoms in the form of the Castro culture (Vitorino Magalhães Godinho). Portugal was formed between the sea and the mountains, its “heart both maritime and mountain”, wrote the poet Teixeira de Pascoais.

However, it has been generally accepted that it was development of the coastal areas that enabled the country to carve out an autonomous political identity on the Iberian Peninsula. This process was due to natural conditions that were more propitious for the development of agriculture and to the existence of navigable rivers that penetrated the territory perpendicular to the coast, as well as the political choice of the crown to turn



**Cabo de São Vicente.** Algarve. **Cape St. Vincent.** Algarve, Portugal.

costa, e ainda à opção política da coroa de virar costas à sua fronteira interior e a Castela. O movimento histórico da expansão marítima viria a acentuar essa realidade com a criação de impérios fragilmente ligados à metrópole pelo mar. Além disso, a descoberta e o povoamento dos arquipélagos atlânticos da Madeira e dos Açores tornaram Portugal uma nação com um pé na península e o outro no meio do oceano Atlântico.

Não admira, por conseguinte, que o mar seja um importante referencial identitário dos portugueses. O poeta quinhentista Camões referiu-se ao reino lusitano como um lugar «onde a terra se acaba e o mar começa». E o geógrafo

its back on the country's interior border and Castile. The historical movement of maritime expansion would come to further accentuate this situation with the creation of empires loosely connected to the metropolis by sea. In addition, the discovery and settlement of the Atlantic archipelagos of Madeira and the Azores made Portugal a nation with one foot on the peninsula and the other in the middle of the Atlantic Ocean.

It is not surprising, then, that the sea is an important referent in Portuguese identity. The sixteenth century poet Camões called the kingdom of Lusitania a place “where the land ends and the sea begins”. Geographer Orlando Ribeiro spoke of *finis terrae* (the end of the earth), highlighting the

Orlando Ribeiro falou de *fnis terrae*, destacando a influência do mar na formação da nacionalidade.

A tradição marítima remonta a épocas recuadas, mas foi no alvorecer da modernidade que a opção marítima – uma opção essencialmente política e económica – desenhou o futuro do país. Um pequeno reino de cerca de um milhão de almas ousou enfrentar «o mostrengo que está no fim do mar» (Fernando Pessoa) e foi repar-tir-se em pedaços pelo mundo. Portugal foi visto como um «cais de embarque» (Fidelino de Figueiredo), como um «edifício com as suas portadas abertas para a maior estrada do mundo, o Atlântico» (Bento Carqueja), ou ainda como «um anfiteatro cujos primeiros degraus as ondas constantemente aspergem» e, por isso, «a vida portuguesa foi marítima e o destino da sua história o mar» (Oliveira Martins). Na mesma ordem de ideias, o médico e historiador Jaime Cortesão escreveu que «a atividade marítima está não só nas raízes da nacionalidade, donde sobe como a seiva para o tronco, mas é como que a linha medular que dá vigor e unidade a toda a sua história».



Aguarela de A. Roque Gameiro,  
*Ericeira – Arribas do mar.*

*Ericeira – Sea cliffs, watercolour*  
by A. Roque Gameiro.

influence of the sea on the formation of the Portuguese nationality.

The country's maritime tradition is ancient, but it was at the dawn of modernity that the decision to focus on the sea – essentially for political and economic reasons – charted the course of the country's future. A small kingdom of about a million souls dared to face the “monster that lurks at the end of the sea” (Fernando Pessoa) and went

to scatter itself in pieces around the world. Portugal was seen as a “quay” (Fidelino de Figueiredo), as a “building with its doors open to the biggest highway in the world, the Atlantic” (Bento Carqueja), or as “an amphitheatre whose lower steps are constantly sprayed by the waves”, and for this reason, “Portuguese life was maritime and the destiny of its history was the sea” (Oliveira Martins). In the same vein, doctor and historian Jaime Cortesão wrote “Maritime activity is not only at the root of our nationality, from whence it rises like the sap to the trunk, it is also like the blood line that permeates it with vigour and unity throughout its history.”

As citações poder-se-iam multiplicar, mas estas são suficientes e muito expressivas de um modo de pensar Portugal e a sua história. Eduardo Lourenço retoma a imagem pessoal da «nação-navio» e, na sua opinião, nem mesmo o fim do império conseguiu alterar esse dado fundamental da consciência nacional, «essa espécie de bilhete de identidade íntimo que cada um de nós traz no bolso interior da sua alma: descobrimos e batizámos a terra, de Cabo Verde à Índia, do estreito de Magalhães às Filipinas». Já referimos como a construção dessa ideia e, sobretudo, a sua interiorização como componente da identificação nacional é um processo recente, mas não podemos deixar de sublinhar que é também algo que depende do nível cultural dos indivíduos. Todavia, é um facto que de diversas formas, mais elaboradas ou singelas, a importância do mar está fortemente presente nas expressões literárias e artísticas dos portugueses.

Já nas cantigas de amigo, designadas *barcarolas* ou *marinhas*, se fala do mar e da angústia de quem espera a volta do amado: *Ay ondas que eu vin mirar, / se me saberdes contar / por que tarda meu amigo sem mim?* (Martim Codax). A opção marítima e expansionista propiciaram uma vasta produção literária: os roteiros, as sumas do mundo, os livros de viagens, de que se recorda a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Eram de tal modo extraordinárias as suas histórias que ficou conhecido por «Mentes Minto». A *Peregrinação* representa a outra face da história, mais humana e terrena, que Luís de Camões relatou em verso heroico numa epopeia clássica.

Poetas e escritores não deixaram de apontar os malefícios dessa «vã cobiça», dessa busca da glória e da fama, que

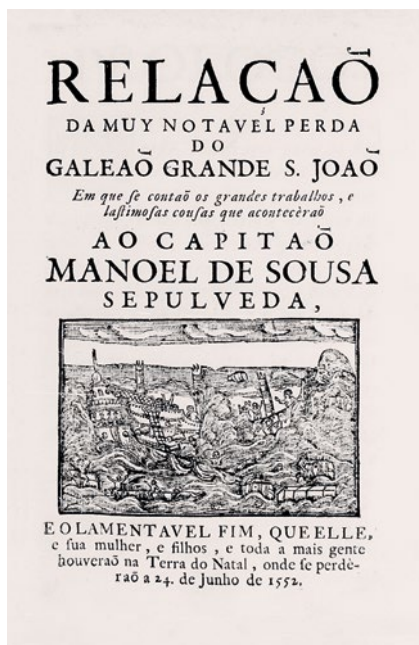
We could cite more authors on this subject, but these will suffice and express a way to think about Portugal and its history very well. Eduardo Lourenço draws on Pessoa's image of the "nation-ship" and, in his opinion, even the end of the Portuguese empire did not alter this key element of national awareness, "this kind of personal identity card that we all carry in the inside pocket of our souls: we discovered and baptised the earth, from Cape Verde to India, from the Strait of Magellan to the Philippines." As we have already mentioned, the process of constructing this idea and interiorising it as a component of national identity is quite recent, but we cannot neglect to point out that it is also something that depends on the cultural level of the individual. Nevertheless, it is a fact that in many ways, some simple, some more complex, the importance of the sea is a strong presence in the literary and artistic expressions of the Portuguese.

Even simple Portuguese folk songs, called *barcarolas* or *marinhas*, speak of the sea and the angst of one who waits for the return of a loved one: *Ah, waves that I have come to see, / if thou knowest, can thou tellest me / why doth my beloved tarry without me?* (Martim Codax). The maritime and expansionist theme fuelled a vast literary production: itineraries, summaries of the world, travelogues, which brings to mind Fernão Mendes Pinto's *Peregrinação* (Pilgrimage). His stories were so extraordinary that he became known as "Mentes? Minto!" (a pun on his name, "Do you lie?" "I lie."). *Peregrinação* represents a more human and down-to-earth version of the story that Luís de Camões told in heroic verse in his classic epic.

Poets and writers do not hesitate to point out the evils of that "vain greed", that search for fame and glory that Camões put

Camões pôs na fala do Velho do Restelo. Sá de Miranda foi um dos críticos, mas também ele se espanta com a audácia dos seus contemporâneos: *Gente que não teme nada, / com tudo se desafia / por mares sem fundos nada, / passou a zona torrada, / anda por passar a fria.* Tal arrojo tem o reverso na *História Trágico-Marítima*, uma compilação de «relações» de naufrágios portugueses ocorridos entre 1552 e 1602, realizada por Bernardo Gomes de Brito no século XVIII. Os relatos eram provavelmente feitos pelos próprios sobreviventes ou por quem teve conhecimento deles através das descrições dos que se salvaram. Publicavam-se em folhetos, e o mais conhecido é o naufrágio do *Sepúlveda*.

Histórias de coragem e de glórias, mas também de sofrimento e lágrimas. Por isso, na cabeça de qualquer português medianamente culto ressoam os versos de Fernando Pessoa: *Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!*, e a pergunta: *Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.* Mas, para além da história e do drama, o mar é também um lugar de mistérios e encantamentos. Almeida Garrett expressou-o bem no poema *a Barca Bela*, onde alerta o pescador para a sedução da sereia: *Deita o lanço com cautela, / Que a sereia canta bela... / Mas cautela, / Oh!, pescador! // Não se enrede a rede nela, / Que perdido é remo e vela, / Só de vê-la, / Oh!, pescador!*



**Tomo I da coleção  
de relatos de  
naufrágios que  
Bernardo Gomes  
de Brito coligiu  
na História  
Trágico-Marítima  
(1735).**

**Volume I of the  
collection of  
shipwreck accounts  
gathered by  
Bernardo Gomes de  
Brito in his História  
Trágico-Marítima  
(1735).**

in the words of the Old Man of Belém. Sá de Miranda was one of those critics, but he is also in awe of the audacity of his fellow countrymen: *people who fear nothing, / not even fear itself / who swim over the bottomless seas, / passed the torrid zone, / and heading toward the cold.* Such daring sees its opposite in *História Trágico-Marítima* (Tragic Maritime History), a compilation of reports of Portuguese shipwrecks that occurred between 1552 and 1602, collected by Bernardo Gomes de Brito in the 18<sup>th</sup> century. The reports were probably made by the survivors themselves or by people who had knowledge of them through the descriptions given by those who were rescued. These were published in pamphlets, and the most well-known was the shipwreck of *Sepúlveda*.

Stories of courage and glory, but also of suffering and tears. For this reason, the verses of Fernando Pessoa will echo in the mind

of any reasonably educated Portuguese: *Oh salty sea, so much of whose salt / is Portuguese tears!*, and the question: *Was it worth doing? Everything is worth doing / If the soul is not small.* But beyond history and drama, the sea is also a place of mystery and enchantment. Almeida Garrett expressed this well in his poem *Barca Bela* (Beautiful Boat), where he warns the fisherman of the mermaid's seduction: *Put down the catch with care, / How beautifully the mermaid sings... / But watch out, / Oh!, fisherman! // Don't get caught in her net, / The oar and sail are forgotten, / Just to see her, / Oh!, fisherman!*

A sereia representa metaforicamente a morte que espreita quem se afoita no mar. Nele rugem as tempestades que aterrorizam os homens: *Sibila o vento: os torreões de nuvens / Pesam nos densos ares: / Ruge ao largo a procela, e encurva as ondas / Pela extensão dos mares* (Alexandre Herculano). Porém, para o escritor cansado das amarguras da vida, a fúria e a grandeza do mar evocam a liberdade e fazem-no sonhar com a morte que o pode libertar dos «dias aborridos».

Antero de Quental, no soneto *Oceano Nox*, interroga o mar para encontrar resposta às inquietações da alma: *Mas na imensa extensão, onde se esconde / O Inconsciente imortal, só me responde / Um bramido, um queixume, e nada mais... Face ao mar, a solidão é mais pungente e a tristeza é ainda sublinhada pelo «céu pesado e nevoento»*. Trata-se de um *topos* poético frequente: indagar as forças da natureza sobre as dúvidas e as angústias que afligem os espíritos, ou refugiar-se nelas para se libertar do sofrimento e da dor.

Na obra da poeta Sophia de Mello Breyner, o mar tem essa capacidade libertadora e é vivido como algo íntimo, onírico e mágico: *Esgotei o meu mal, agora / Queria tudo esquecer, tudo abandonar / Caminhar pela noite fora / Num barco em*

The mermaid metaphorically represents the death that lies in wait for those who dare to sail the sea. In it roar the storms that terrify men: *The wind hisses: towers of clouds / Weigh heavily in the thick air: / The storm roars offshore, and curves the waves / The length of the seas* (Alexandre Herculano). Yet, for the writer who is tired of the bitterness of life, the fury and grandiosity of the sea evoke freedom and make him dream of the death that can free him from “tiresome days”.

Antero de Quental, in his sonnet *Oceano Nox*, asks the sea to find an answer to what troubles his soul: *But in the immense area,*

*where immortal Oblivion hides, it only answers me / with a roar, a whimper, and nothing more... Looking out at the sea, solitude is more pungent and sadness is underscored by the “heavy, fog-laden sky”*. It is a common poetic representation: asking the forces of nature to resolve the doubts and anxieties that afflict the spirit or seeking refuge in these forces to free the soul from suffering and pain.

In the work of the poet Sophia de Melo Breyner, the sea has this liberating quality and it is experienced as something intimate, dreamlike and magical: *I have exhausted my hurt, now / I wanted to forget everything, abandon everything /*



**Sophia de Mello Breyner  
Andresen, *A Menina do Mar*  
(1.ª ed., 1958). Ilustrações  
de Sarah Affonso.**

**Sophia de Mello Breyner  
Andresen, *A Menina do Mar*  
(The Sea Girl) (1st ed., 1958).  
Illustrations by Sarah Affonso.**

pleno mar. // *Mergulhar as mãos nas ondas escuras / Até que elas fossem essas mãos / Solitárias e puras / Que eu sonhei ter.*

Poder-se-iam invocar, também, outros autores para quem o mar é um tema relevante, seja num registo pessoal e introspectivo, seja como interrogação sobre o destino de Portugal. Entre os últimos, avulta a *Mensagem*, de Fernando Pessoa, uma obra complexa que tem suscitado as mais variadas interpretações e que foi considerada a forma possível da epopeia moderna. Na estrutura da obra encontra-se a fundação, a expansão e a decadência, ciclos bem marcados pelos seus símbolos e heróis, mas no final só resta um tempo sem luz e triste: *Tudo é incerto e derradeiro. / Tudo é disperso, nada é inteiro. / Ó Portugal, hoje és nevoeiro...*

Entre o claro e o escuro se desenrola a história poética da relação de Portugal com o mar expressa na obra de Miguel Torga: *Uma ilusão enfuna e enxuga a vela, / Uma desilusão a rasga e molha. Ou de forma ainda mais carregada de signos: Tu, mar fechado, aberto e descoberto / Com bússolas e gritos de gajeiro! / Tu, mar salgado, lírico, coberto / De lágrimas, iodo e nevoeiro. Nos Poemas Ibéricos, o mar é a «enganosa sereia» que nos traiu, nos provocou sofrimento, mas não deixa de nos tentar com o seu «encantamento».*

Em Manuel Alegre ressoa a nostalgia da época heroica da nação e o sonho de que ainda será possível rasgar novos horizontes: *Ainda há naus e viagens algures em nós, / Ainda há mar / Ainda há naus para chegar ao outro lado / Lá onde só se espera / O inesperado.*

O mar e a vida das comunidades que dele dependem suscitaram, também, o interesse de alguns prosadores e ficcionistas portugueses. A título de exemplo é justo realçar a obra

*Glide away into the night / In a boat on the open sea. / Dipping my hands into the dark waves / Until they became those hands / Solitary and pure / that I dreamed of having.*

We could also invoke other authors for whom the sea is an important topic, be it in a personal, introspective register or an inquiry into Portugal's destiny. Among the latter, Fernando Pessoa's *Mensagem* (Message) figures prominently. It is a complex work that has been interpreted in many different ways and is considered the likely form of the modern epic. The structure of the work covers the foundation, expansion and decline, in cycles well marked by their symbols and heroes. But in the end, all that remains is a time that is sad and bereft of light: *All is uncertain and ultimate. / All is fragmented, nothing is whole. / Oh Portugal, today you are mist...*

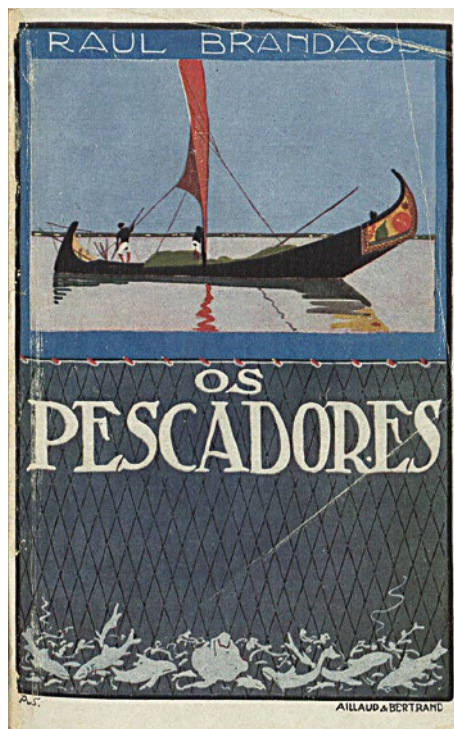
In the work of Miguel Torga, the poetic story of Portugal's relationship with the sea unfolds between the dark and the light. *An illusion fills and dries the sail, / Disillusionment rends and douses it. Or even more heavily charged with symbolism: You, the sea – closed, open and discovered / With compasses and cries from the crow's nest! / You, the sea – salty, lyrical, covered / With tears, iodide and fog. In Poemas Ibéricos (Iberian poems), the sea is the “deceitful mermaid” who betrays us and causes us suffering, but does not fail to tempt us with her charms.*

In Manuel Alegre we hear the echo of nostalgia for the nation's heroic epoch and the dream that it may still be possible to open up new horizons: *There are still ships and voyages somewhere inside us, / There is still the sea / There are still ships to carry us to the other side / There where we can only expect / The unexpected.*

The sea and the lives of communities that depend on it have

de Raul Brandão, *Os Pescadores*, conjunto de crónicas onde retrata de forma impressionista e pictórica o modo de vida das comunidades piscatórias, do Minho ao Algarve. Branquinho da Fonseca, na novela *Mar Santo*, põs em cena os pescadores da Nazaré, num quadro exemplar de coragem, trabalho, resistência e amor que lhes confere ressonâncias míticas de heróis do passado. Por sua vez, o escritor neorrealista Alves Redol também se inspirou nos homens do mar nazarenos para realizar uma das suas obras mais aclamadas, *Uma Fenda na Muralha*. O próprio autor considera numa entrevista que dois terços desse romance representam o que de melhor escrevera até então e revela que viveu durante quase um ano na Nazaré, convivendo com os pescadores.

Porém, é nas palavras de Vergílio Ferreira que se encontra a mais veemente defesa da relação entre a identidade portuguesa e o mar. Em 1991, numa conferência proferida quando recebeu o prémio Europália, justamente intitulada *A Voz do Mar*, produziu uma notável defesa do valor da língua portuguesa, destacando o que considera ser a sua característica essencial: «Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se



Raul Brandão,  
*Os Pescadores*  
(1.<sup>a</sup> ed., 1923).

Raul Brandão,  
*Os Pescadores*  
(*The Fishermen*)  
(1<sup>st</sup> ed., 1923).

also sparked the interest of some Portuguese writers of prose and fiction. A good example of this is the work of Raul Brandão, *Os Pescadores* (*The Fishermen*), a collection of chronicles that illustrate the way of life of fishing communities from the Minho region to the Algarve in a pictorial, impressionist way. Branquinho da Fonseca, in his novel *Mar Santo*, portrays the fishermen of Nazaré in an exemplary tableau of courage, hard work, strength and love that resonates with the mythical heroes of the past. For his part, neorealist writer Alves Redol also took his inspiration from the men of the Nazarene sea to write one of his most acclaimed works, *Uma Fenda na Muralha* (*A Crack in the Wall*). The author himself stated in an interview that two-thirds of this novel represented the best writing he had done to date, and he revealed that he had lived for

almost a year with the fishermen.

However, it is in the words of Virgílio Ferreira that we find the most vehement defence of the relationship between the Portuguese identity and the sea. In 1991, at a conference held when he received the Europália award for his work entitled *A Voz do Mar* (*The Voice of the Sea*), he gave a remarkable speech defending the value of the Portuguese language, highlighting what he considered was its fundamental characteristic: “A language is the place from which one sees the world, and in which are drawn

ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação.»

No imenso património da cultura popular, o mar está presente nas quadras amorosas que falam da beleza da amada, das ondas do seu cabelo e dos seus olhos, das alegrias e dos desencontros: *O meu amor ontem à noite, / Pela vida me jurou / Que se ia deitar ao mar / Ele que vá que eu não vou.* Noutra, o registo é pleno de subtileza feminina: *O meu amor foi-se embora / Sem se despedir de mim / O mar se lhe torne em rosas / E o navio num jardim.* Mas há quem não fique a chorar o abandono: *O meu amor me deixou / Olha que pena, que dó... / Bem fraquinho é o navio / Que tem uma amarra só.* A que se pode replicar com acerto: *Cabeça, toma juízo / E tu, juízo, assossega, / Não sejas barco latino / Com todo o vento navega.* Mas as quadras registam também os perigos do mar, apesar de o povo saber que *Mais vale andar no mar largo / Do que nas bocas do mundo.*

Os rimances populares justificam também uma referência neste breve apontamento: a famosa *Nau Catrineta* que traz muito que contar; a *Dona Maria do Mar*, mulher apaixonada, filha de rei que percorreu os mares sozinha, mas voltou ao reino, sempre donzela; o *Capitão da Armada* e o rimance de *Dom Joaquim*, em que ambos combateram os «perros mouros» da Turquia, desbaratados pela artilharia portuguesa.

Além do cancionero, há um considerável número de lengalengas, adivinhas, provérbios, adágios e rifões que se inspiram no mar. Todos conhecem aquela adivinha: *Qual é coisa qual é ela / Que antes de ser já o era.* Ou esta mais ela-

the limits of our thoughts and feelings. From my language you can see the sea. From my language you can hear its whisper, as from others can be heard that of the forest or the silence of the desert. That is why the voice of the sea has been that of our restlessness.”

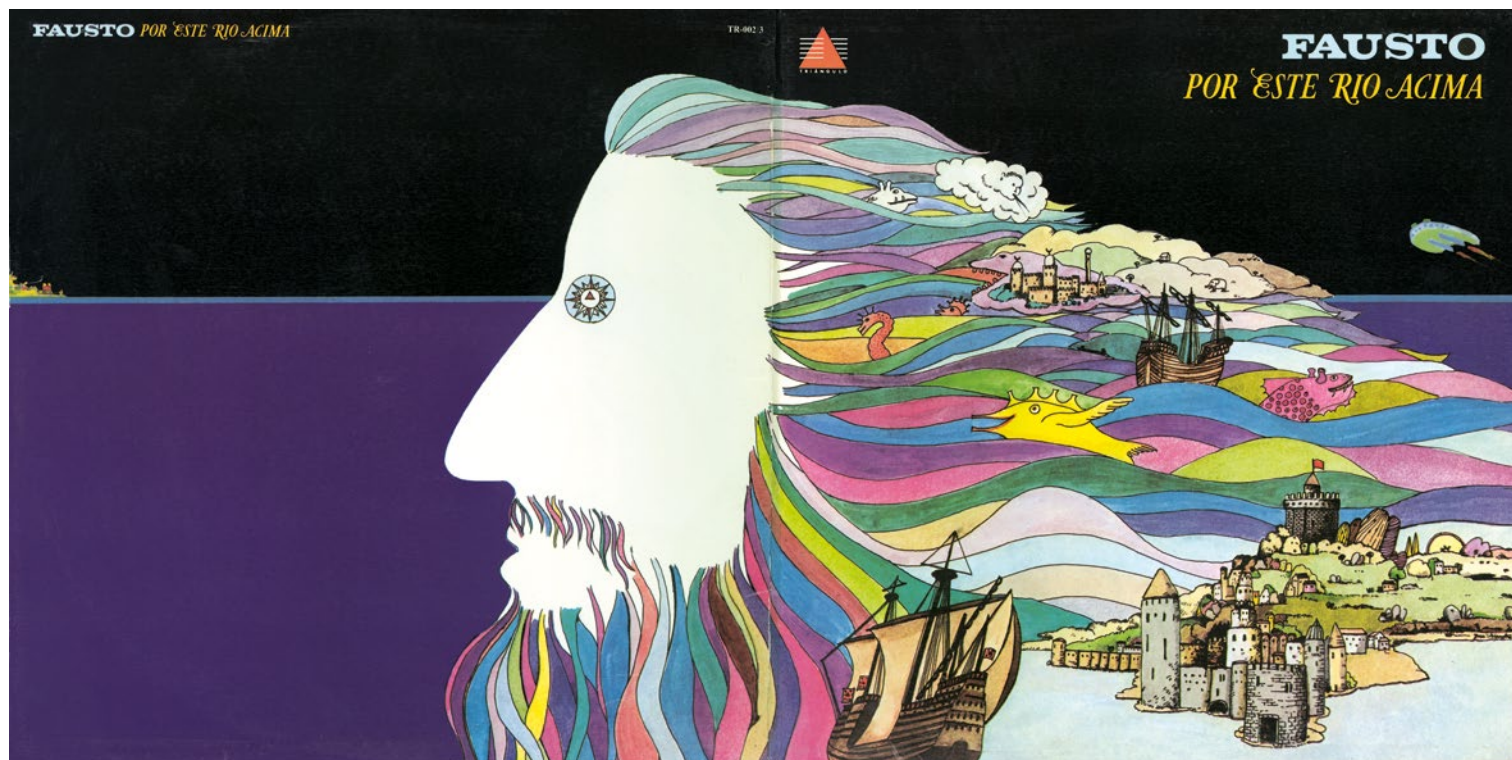
In the immense heritage of folk culture, the sea is present in love songs that speak of the beauty of the beloved one, of the waves of her hair and of her eyes, of joys and misunderstandings: *Last night my love, / On his life did swear / That he would lie down at sea / He goes, but I do not.* In another, the register is full of feminine subtlety: *My love has gone away / Without bidding me farewell / Let the sea turn him to roses / And the ship to a garden well.* But there is another who does not weep because she has been abandoned: *My love has left me / What a pity, such pain... / The ship is so weak / It might break in twain.* To which one could reply, quite rightly: *Head, be sensible / And you, sense, bring comfort, / Don't be a lateen boat / Sailing with every wind.* But these simple folk songs also talk of the dangers of the sea, even though the people know that *It's better to travel on the open sea / Than into the mouths of the world.*

Rimances (rhyming folk epics) also warrant a mention here: the famous *Nau Catrineta* that has much to tell; *Dona Maria do Mar*, about a woman in love, the daughter of a king, who sailed the seas alone, but returned to the kingdom, forever a maiden; *Capitão da Armada* and the *Rimance de Dom Joaquim*, in which they both fight the “Moorish dogs” of Turkey, decimated by the Portuguese artillery.

In addition to songs, there are a considerable number of children's rhymes, riddles, proverbs, adages and sayings inspired by the sea. Everyone knows the children's riddle: *What is that thing, what is it / That before it was, it already was (fish);* or

borada na forma: Venho das ondas do mar, / Nascido na fresquidão / Não sou água nem sou sol / Trago o tempero na mão. A sabedoria popular é mais copiosa em ditos e aforismos que se referem ao campo e ao modo de vida rural, o que se compreende bem. Todavia, são conhecidas várias máximas relacionadas com o mar: Grande nau, grande tormenta; À boca da barra se perde o navio; Há mais marés que marinheiros; Quem vai ao mar avia-se em terra; Nem tudo o que vem à rede é peixe; Se queres aprender a rezar, entra no mar. Finalmente, em tempos de crise lembra-se a cada passo: Quando o mar bate na rocha quem se amola é o mexilhão.

this other, more elaborate, one: I come from the ocean waves, / Born in the waters cold / I am neither water nor sun / But seasoning in my hand I hold. Folk wisdom is understandably more abundant in sayings and aphorisms referring to the countryside and rural life. However, a number of maxims related to the sea are known: Big ship, big storm; At the entrance to the harbour, the ship is lost; There are more tides than there are sailors; He who goes to sea, prepares on land; Not everything that comes to the net is fish; If you want to learn how to pray, go to sea. Finally, in times of crisis, you remember each step: When the sea crashes on the rock, it's the mussel that is ground.



Capa do álbum *Por Este Rio Acima*, de Fausto, da autoria de José Brandão (1982).

Album cover for Fausto's *Por Este Rio Acima*, designed by José Brandão (1982).

Para as crianças brincarem recorda-se o jogo: *Que linda falua, / que lá vem, lá vem, / é uma falua / que vem de Belém*. No folclore ou nas cantigas populares, o mar está muito presente. Várias gerações têm entoado a canção *O mar enrola na areia* e o fado de Tristão da Silva *Aquela janela virada prò mar*, um dos maiores êxitos do artista. Amália Rodrigues incluiu no seu notável repertório musical vários temas relacionados com o mar e um de especial intensidade dramática: *Barco negro*. Esse fado foi objeto de várias reinterpretações, entre as quais a de Mariza, no seu álbum de estreia (2001). Dulce Pontes projetou-se internacionalmente com a *Canção do Mar*, alterando a letra do tema musical do fado *Solidão* de Amália (1955). Noutro registo musical, é de assinalar o álbum do canta-autor Fausto, *Por Este Rio Acima* (1982), um trabalho poético inspirado na *Peregrinação* e na *História Trágico-Marítima*, onde mistura variadas influências musicais e reinventa as tradições populares portuguesas.

Neste esboço sobre a presença e as expressões do mar nos escritores e artistas portugueses não é possível ignorar a pintura. Por causa da utilização que tiveram no Estado Novo, estão bem presentes no imaginário de algumas gerações os *Painéis de São Vicente de Fora*, atribuídos ao pintor Nuno Gonçalves e datados do século XV. Os painéis são considerados um quadro da sociedade da época. Deles faz parte o *Painel dos Pescadores* e a figura emblemática identificada como o infante D. Henrique, o *Navegador*, um dos símbolos maiores das navegações marítimas dos portugueses. Ainda no domínio da pintura da época moderna, destaque-se o pintor André Reinoso e a obra onde representou a tempestade que São Francisco Xavier e os

For children's play, remember the game: *What a pretty sailboat, / that's a comin' there, comin', / it's a sailboat, / comin' from Belém*. The sea is very much present in popular folklore and songs. Many generations have sung *O mar enrola na areia* (the sea rolls up on the sands) and Tristão da Silva's fado *Aquela janela virada pr'ò mar* (that window facing the sea), one of the artist's greatest hits. Amália Rodrigues' remarkable musical repertoire included various sea-themed pieces, one of which was especially dramatic: *Barco Negro* (Black boat). This fado has been performed by various artists, including Mariza on her debut album (2001). Dulce Pontes gained international fame for her rendition of *Canção do Mar* (Song of the Sea), changing the lyrics of the fado *Solidão* (Solitude) originally sung by Amália (1955). In another musical style is the album recorded by singer-songwriter Fausto, *Por Este Rio Acima* (Up that river, 1982), a poetic work inspired by *Peregrinação* and *História Trágico-Marítima*, where he mixes a variety of musical influences and re-invents Portuguese folk traditions.

This overview of how the sea is present and expressed in the works of Portuguese writers and artists would not be complete without taking a look at painting. Because of the use the Estado Novo made of them, the Panels of São Vicente de Fora are very much a part of the imagery that has been instilled in several generations. The panels, which date from the 15<sup>th</sup> century, are attributed to the Portuguese painter Nuno Gonçalves. The panels are considered to be a picture of society at that time. The work includes a panel dedicated to fishermen (the *Painel dos Pescadores*) and the emblematic figure of Infante D. Henrique, the Navigator, one of the most important symbols of the Portuguese maritime voyages. Also from the modern age,



André Reinoso, *Tempestade da Viagem de S. Francisco Xavier do Japão para a Índia* (1619).

St. Francis Xavier Calming a Storm at Sea (André Reinoso, 1619).



João José Vaz, *Praia da Póvoa de Varzim*.

*Praia da Póvoa de Varzim (Póvoa de Varzim Beach)*, João José Vaz.

companheiros tiveram de enfrentar na viagem marítima da Índia para o Japão, que é do início do século XVII. Mas foi preciso chegarmos ao século XIX para as paisagens assumirem um lugar de relevo na pintura e surgirem, em consequência, as séries intituladas *marinhas*.

No período romântico, o artista João Cristino da Silva interessou-se pelo tema e, num dos quadros de meados de Oito-

the painting of André Reinoso in which he rendered the storm that Saint Francis Xavier and his companions had to face during their voyage from India to Japan merits special mention. The painting dates from the 17<sup>th</sup> century. But it was only in the 19<sup>th</sup> century that landscapes gained a prominent place in painting and, as a result, paintings of ships and seascapes began to appear.

centos, podemos observar um ambiente tempestuoso, numa praia dominada por escuros rochedos e batida pelas ondas do mar, onde se veem três figuras e uma delas acena para um barco que, ao longe, parece estar em perigo. Os pintores naturalistas valorizaram muito as paisagens marinhas, representando o mar, as praias, as arribas e os rochedos junto das costas e as cenas da vida das comunidades que dele tiravam o seu sustento. Não é possível nomear todos, mas Alfredo Keil, João Marques de Oliveira, José Malhoa, João Vaz, Roque Gameiro e, já com influências do impressionismo, Adriano de Sousa Lopes incorporaram a temática marítima nas suas obras.

A praia da Nazaré e os homens e mulheres que ali vivem em torno do mar atraíram os pintores, tal como acontecera com os escritores. Data de 1884 uma pintura de João Vieira Rodrigues que mostra a referida praia e que pertenceu à coleção de D. Luís. A pintora Irene Sá Vieira Natividade e Abílio de Mattos e Silva deixaram um forte testemunho artístico sobre a vida dos nazarenos, e diversas obras de ambos podem ver-se no Museu Dr. Joaquim Manso, na Nazaré. Lino António também tratou temas marítimos e nazarenos, sendo de destacar as *Peixeirinhas*, de 1938, que mostra duas mulheres sentadas na praia, com os mantos negros, exibindo uma delas uma criança nos braços, numa alusão à Virgem Maria.

Entre os modernistas, avulta a obra de Almada Negreiros e os murais que pintou para as gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos. Da mesma geração, Amadeo de Sousa Cardoso deixou a *Chalupa*, a qual se distingue no meio de uma profusão de azuis que evocam o movimento do mar. Carlos Botelho sentiu-se atraído pelos barcos e

In the Romantic period, artist João Cristino da Silva became interested in the theme, and in one of his paintings from the middle of the 18<sup>th</sup> century we see a stormy seascape dominated by dark rocks with crashing waves, where we can make out three figures, one of whom is waving to a boat that, from afar, appears to be in danger. The naturalist painters highly prized seascapes showing the sea, beaches, cliffs and rocks along the coast and scenes from the daily lives of communities that got their living from the sea. Not all of them can be mentioned here, but Alfredo Keil, João Marques de Oliveira, José Malhoa, João Vaz, Roque Gameiro and, already somewhat influenced by impressionism, Adriano de Sousa Lopes all incorporated maritime themes into their works.

The beach of Nazaré and the men and women who lived by the sea attracted painters, just as they had attracted writers. A painting showing that beach by João Vieira Rodrigues, dating from 1884, was part of the collection of King Luís I. The painters Irene Sá Vieira Natividade and Abílio Mattos e Silva left an important artistic testimony to the lives of the Nazarenes, and many of their works can be seen in the Dr. Joaquim Manso Museum in Nazaré. Lino António also painted maritime scenes and the people of Nazaré. One such painting, from 1938, is *Peixeirinhas* (Fishmongers), which shows two women sitting on the beach wearing black shawls. One of them is holding a child in her arms, an allusion to the Virgin Mary.

Among the modernists, the work of Almada Negreiros and the murals he painted for the maritime stations of Alcântara and Rocha do Conde de Óbidos in Lisbon loom large. From the same generation, Amadeo de Sousa Cardoso left us his painting

é dele uma composição de 1948, que faz parte da coleção da Fundação Calouste Gulbenkian. Júlio Resende e Fernando de Azevedo produziram composições de tipo figurativo, em que estão em foco as mulheres dos pescadores, apresentadas em tons sombrios, e as velas das embarcações ondeando em movimentos geométricos. Vieira da Silva evocou a história trágico-marítima numa obra datada do período da guerra (1944) que exprime bem a angústia da situação do país, submetido ao regime salazarista, e da própria Europa, destruída pelo conflito mundial.

No século XX, o mar passa a ser o lugar do lazer, das praias, da alegria do sol no corpo e da cintilação da luz nos dias de verão, o que é bem representado num quadro de Mily Possoz sobre a *Praia dos Pescadores*, em Cascais. Em 1970, Nadir Afonso realizou no seu traço inconfundível uma composição geométrica e colorida, intitulada *Os Portugueses*, onde se advinha de um lado a terra e de outro o mar, com velas no horizonte.

Também na fotografia e no cinema o mar está bastante representado. Na sétima arte, uma das obras mais marcantes e pioneiras do cinema português foi o filme mudo de Leitão de Barros, *Maria do Mar* (1930). A força dramática e plástica das

*A Chalupa* (The Sloop), which can be seen in the midst of a profusion of blues that evoke the movements of the sea. Carlos Botelho was drawn to boats, and a composition of his dating

from 1948 is in the Calouste Gulbenkian Foundation collection. Júlio Resende and Fernando de Azevedo produced figurative compositions in which the focus was on the wives of fishermen. The paintings are done in sombre colours, with the sails of the boats waving in geometric movements. Vieira da Silva evoked the *História Trágico-Marítima* in a wartime work dating from 1944 that expresses the anguish of the country under the Salazar regime and of a Europe destroyed by the world conflict.

In the 20<sup>th</sup> century, the sea became a place of leisure, beaches, the pleasure of feeling the sun on our bodies and the shimmering light of summer days, which is well represented in a picture by Mily Possoz depicting the *Praia dos Pescadores*

(Fishermen's Beach), Cascais. In 1970, Nadir Afonso created, in his unmistakable style, a colourful geometric colourful composition entitled *Os Portugueses* (The Portuguese), where one side represents land and the other the sea, with sails visible on the horizon.

The sea is also quite well represented in photography and in the cinema. In the "seventh art", one of the most significant,



Lino António,  
*Peixeirinhas*  
(1938).

*Peixeirinhas*  
(Fishmongers),  
Lino António (1938).



**José de Almada Negreiros,**  
painel do tríptico *Lá vem*  
*a nau Catrineta que traz muito*  
*que contar.*

Mural from the triptych  
“Here comes the Catrineta  
with many a tale to tell”,  
José de Almada Negreiros.

imagens compensa o caráter singelo e a fragilidade da trama, bem como um certo desequilíbrio entre a prestação dos atores profissionais e dos estreantes amadores. O filme contribuiu, decerto, para que a Nazaré se tornasse a terra icónica da vida marítima portuguesa.

A análise do tema do mar na cultura portuguesa é um assunto praticamente inesgotável. Não se pretende, por isso, deixar mais que um apontamento que permita ilustrar o valor que assume nas várias formas de expressão artística e cultural dos portugueses. A sua relação com a identidade nacional também fica demonstrada pela importância que atinge nas narrativas da memória histórica sobre o passado e na forma como está presente nas diversas manifestações culturais.

A identidade nacional é uma construção que deve tanto à história quanto à capacidade que cada povo tem de se inventar e reinventar como coletivo, com valores, projetos e desígnios comuns. O passado e a recordação dele são importantes, mas o futuro também. Ao contrário das concepções essencialistas da nação e da identidade, entende-se que aquelas são realidades dinâmicas e mutáveis. Ambas foram construídas ao longo do tempo, apesar de a criação dos elementos materiais e simbólicos que permitem afirmar as identidades nacionais ser um processo relativamente



**Cena do filme *Maria do Mar*, realizado por José Leitão de Barros (1930).**

Scene from the film *Maria do Mar* (Maria of the Sea), directed by José Leitão de Barros (1930).

pioneering works in Portuguese cinema was the silent film by Leitão de Barros called *Maria do Mar* (1930). The dramatic and artistic force of the images compensates for the film's simple and fragile plot, as well as a certain unevenness between the performances of the professional actors and the amateurish newcomers. The film no doubt helped make Nazaré an iconic symbol of Portuguese maritime life.

The theme of the seas in Portuguese culture is a nearly inexhaustible subject. For this reason, we cannot hope to leave more than a note that will help illustrate its importance in the various forms of artistic and cultural expression of the Portuguese people. Its relationship to our national identity is also demonstrated by the importance it assumes in the narratives of our historical memory and by the way the sea is present in various cultural manifestations.

National identity is a construct that owes as much to history as it does to the ability of a people to invent and re-invent themselves as a collective, with common values, projects and goals. The past and the memory of it are important, but the future is important, too. In contrast to essentialist concepts of nation and identity, “nation” and “identity” are understood to be dynamic and mutable realities. Both are constructed over time, although creation of the material and symbolic elements that enable

recente em termos históricos. Entre esses elementos impõe-se o mar, por causa da geografia e da história, mas sobretudo devido à ideia que se forjou de nós como povo que rasgou horizontes e descobriu novos mundos.

No presente, o mar volta a merecer uma atenção especial na sociedade portuguesa. Tomou-se consciência de que o país tem a terceira maior zona económica exclusiva da Europa,

affirmation of national identities is a relatively recent process in historical terms. Among these elements, one of the strongest is the sea, because of our geography and history, but most of all due to the idea that we have forged of ourselves as a people who opened up new horizons and discovered new worlds.

These days, the sea is once again the object of special attention in Portuguese society. We have become aware that the



**Oceanário de Lisboa, construído no âmbito da Expo g8.** Lisbon Oceanarium, built for the Expo g8 World's Fair.

uma área dezoito vezes superior ao território continental. Desde os anos de 1990, têm vindo a ser desenvolvidas iniciativas de sensibilização pública para a importância do aproveitamento sustentável dos oceanos e desenham-se estratégias para que o mar seja um importante ativo económico e socio-cultural para Portugal. Não foi por acaso que o ano da comemoração dos quinhentos anos do descobrimento do caminho marítimo para Índia (1998) apareceu ligado também ao Ano Internacional dos Oceanos, por proposta portuguesa. O tema «Os Oceanos: um património para o futuro» esteve presente na Exposição Internacional de Lisboa e deixou uma herança inspiradora na sociedade portuguesa.



**Marques de Oliveira,**  
**À Espera dos Barcos**  
**(1892).**

**À Espera dos Barcos**  
**(Waiting for the Ships),**  
**Marques de Oliveira (1892).**

country has the third largest exclusive economic zone in Europe, an area eighteen times larger than continental Portugal. Since the 1990s, a number of initiatives have been undertaken to increase public awareness of sustainable use of the oceans, and strategies have been designed to ensure that the sea will be an important economic and sociocultural asset for Portugal. It was no coincidence that year of the five-hundredth anniversary of the discovery of the sea route to India (1998) was also declared “International Year of the Oceans” as a result of a Portuguese proposal. “The Oceans: a Heritage for the Future” was also the theme of the 1998 Lisbon World Exposition and left an inspiring legacy to Portuguese society.

In 2009, a Portuguese proposal to extend the area of the continental shelf beyond the usual outer limit of 200 nautical miles was submitted to the United Nations. In 2014, the Ministry of Education distributed 44,000 maps to the schools entitled: “Portugal is the sea”. It was designed to show the extent of Portugal’s maritime zones and to disseminate the idea that 97% of the territory over which Portugal has sovereign rights is submarine, thanks to the archipelagos of Madeira and the Azores.

This is how Portuguese identity was constructed and continues to be constructed. The sea is depicted in various ways. It is expressed in human images with a distinctive meaning: people of the sea who see themselves reflected in those who went out and faced it every day to earn their meagre sustenance; those who departed on epic sagas in search of their faithful friend, the Atlantic codfish; and those who stayed, looking out to a sea that would not bring them back, crying

Em 2009, foi apresentada nas Nações Unidas uma proposta portuguesa para o alargamento da área da plataforma continental para além do limite das 200 milhas náuticas. Em 2014, o Ministério da Educação distribuiu 44 000 mapas pelas escolas com um título sugestivo: «Portugal é mar». Procura-se pôr em evidência a grande extensão marítima de Portugal e divulgar a ideia de que 97% do território sobre o qual pode vir a exercer-se a soberania nacional é submarina, graças aos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Assim se construiu e se constrói a identidade portuguesa, como povo cujo ser é indissociável do mar. Esse povo revê-se no arrojo daqueles que todos os dias o enfrentavam para ganhar o magro sustento; nos que partiam em épicas sagas em busca do «fiel amigo»; e nos que ficavam, olhando o oceano que os não trazia de volta, a chorar saudades, numa eterna espera. O nome de Portugal vem de «porto» – *Portus Cale*. Mas não foi porto de abrigo para os seus. Portugal tem sido sobretudo um cais, donde amiúde se parte, mas onde se quer voltar. Esperemos que o mar que foi estrada de muitas viagens seja também uma via para construirmos as condições para um futuro melhor.

with longing, eternally waiting. The name Portugal comes from the word “port” – *Portus Cale*. But it has not been a port of shelter for its people. Portugal has been more like a quay, from which many depart, but where they hope to return. We hope that the sea that was the highway for many voyages will also be a route by which we can create the conditions for building a better future.



**Nadir Afonso,**  
***Os Portugueses (1970).***  
Gravura. Serigrafia  
sobre papel.

***Os Portugueses (The Portuguese),***  
**Nadir Afonso (1970).**  
Engraving.  
Screen print on paper.